CULTURAS E RELIGIÕES

Deus criou o mar, nós criamos os barcos;
Ele criou os ventos, nós criamos as velas;
Ele criou as calmarias, nós criamos os remos.

(Provérbio swahili)

Um dos três reis magos

Todos os anos acompanhamos a reafirmação dos símbolos cristãos através dos ritos e festejos natalinos. A montagem do presépio relembra a homenagem de reis ou sábios vindos de diferentes cantos do mundo para reconhecer o filho de Deus nascido em Belém, conforme anunciado numa antiga profecia. Os três reis ofereceram como presentes ouro, incenso e mirra. São personagens criados pelo evangelista Mateus. Eram eles Melquior, que vinha da Pérsia; Gaspar, que vinha da Europa, e Baltazar, que vinha da África. Baltazar era um sábio negro, segundo alguns relatos. A história da origem desses personagens varia nas diferentes versões acerca desse Natal primeiro. Mas, mesmo assim, a presença de um rei negro é quase sempre mencionada. A imagem, com o passar dos tempos, foi acrescida de simbologias do imaginário medieval e Baltazar passou a representar a realeza de uma África. Um reino africano cristão. Já no século XV, a notícia de um domínio fabuloso governado por um sábio mesclou-se às histórias sobre o Preste João, pagão que fora convertido ao cristianismo pelos jesuítas, no contato com os navegantes portugueses. Os relatos sobre ele falam de palácios com paredes de ouro maciço, que iluminavam como o Sol, sendo de prata e pedras preciosas os ornamentos das mobílias. Seu figurino era de um requinte inigualável. Para as rezas em louvor ao Cristo, havia construído uma capela do mais puro cristal.

Geralmente podemos observar, por meio da representação dos três reis magos, a eqüidade entre os continentes. Todos os monarcas ou sábios apresentam equivalência nos trajes e símbolos de realeza. Baltazar é a presença cristã entre a diversidade de religiosidades que existem na África.

A Rainha de Sabá

Junto aos símbolos cristãos também encontramos os símbolos da religiosidade judaica.

Davi reinara quarenta anos em Israel, sete anos em Hebrom e trinta e três em Jerusalém. Ana, segundo interpretações que circulam na literatura cristã, ao morrer, transmitiu o trono ao filho Salomão, que promoveu a construção de um palácio na Floresta do Líbano (próximo à região de onde, 480 anos antes, os israelitas haviam sido expulsos).

A rainha de Sabá, ou Makeda para os etíopes, soube da fama que Salomão tinha alcançado, graças ao nome do Senhor, e foi a Jerusalém para colocá-lo à prova com perguntas difíceis. Comandou uma caravana com 797 camelos carregados de especiarias, pedras preciosas e quilos de ouro e cedro. Salomão, que se apaixonou por sua beleza negra, disse:

— Gostaria que da nossa união viessem descendentes.

E então, à beira do Nilo, um dos quatro rios vindos do Paraíso terrestre, Sabá, a esposa de Salomão, deu à luz um filho chamado Menelique. Foi ele que assegurou a dinastia salomônica de **Aksum**, a terra dos deuses e das árvores perfumadas, de onde descendem os judeus negros que vivem na região atualmente chamada Etiópia.

Dicas culturais:

Falashas: judeus que vivem na Etiópia. Pela Bíblia falasha, seriam descendentes do rei Salomão com a rainha de Sabá. Eles resguardam um judaísmo muito antigo onde não existe a figura do rabino.

Considerando a leitura dos textos:

Entreviste um religioso da comunidade judaica: para isso, organize uma lista de perguntas sobre judaísmo, judeus negros e sobre a rainha de Sabá.

A Etiópia e os rastas

Foi na década de 1930 que surgiu na Jamaica o movimento rastafari em torno de uma previsão atribuída ao ativista jamaicano Marcus Garvey: "Olhe para a África – quando um rei negro for coroado, o dia da salvação estará próximo." Na Etiópia, em 1930, Rãs Tafari foi coroado imperador e assumiu o título de Hailé Selassié I.

Garvey foi um dos intelectuais que formalizaram a corrente de pensamento conhecida como pan-africanista, cujo argumento principal demandava a soberania negra na Diáspora africana.

O pan-africanismo organizou congressos, entidades e correntes políticas.

A Etiópia também era uma referência por ter sido pouco atingida pelo tráfico, além de ter uma história de resistência ao colonialismo. Esses elementos contribuíram para a conexão entre africanos na Diáspora e um ponto na África – cujo novo símbolo apontava para um continente africano e toda a Diáspora reunidos por um rei africano.

Ampliando o saber:

Diáspora é um termo de origem grega que significa dispersão. Seu uso esteve primeiramente relacionado à experiência dos judeus que, sem pátria, se espalharam pelo mundo sem perder a identidade cultural. Depois se estendeu para o caso dos armênios e dos africanos. A Diáspora africana ocasionada pelo tráfico pode ser atualizada nas formas culturais transnacionais que geram sentimentos de unidade por uma identidade em comum.

O antigo Estado etíope cristão caracterizou-se por uma resistência secular ao Islã. Durante o reinado de Hailé Selassié houve o incentivo ao uso do amárico, por exemplo, como língua oficial imperial, o que fortaleceu a tradicional Igreja Ortodoxa, seguidora de uma tradição cristã de um ramo muito antigo. No entanto, o movimento rastafari (nome em homenagem ao imperador etíope Rãs Tafari) formula um sistema filosófico e religioso próprio. Foram adotadas as cores da bandeira da Etiópia, vermelho, preto e verde, e, como marca principal do movimento, os

cabelos *dreadlocks*, em contraste à aparência ocidental. Garvey instigava a derrota do sentimento de inferioridade, exercendo uma espécie de domínio mental por meio de práticas políticas permeadas por um imaginário bíblico.

A *Cannabis sativa*, marijuana para os jamaicanos, foi integrada com sentido religioso nos rituais de veneração a Jah, uma forma de Jeová encontrada em antigas versões da Bíblia. Em meados de 1970, o movimento ganhou popularidade com o *reggae* de Bob Marley (1945-1981), que retomava essa filosofia de vida.

A nova fé também encontrou abrigo no Brasil, notadamente em São Luís do Maranhão, a partir dos anos de 1970.

Dica cultural:

Durante todo o mês de janeiro de 2005, aconteceram as celebrações dos 60 anos de nascimento de Bob Marley. Uma intensa programação ocorreu na Etiópia, reunindo mais de 200 mil fãs. O evento foi apoiado pelo governo e pela igreja etíope, Unicef e União Africana

Rita Marley, viúva do cantor, pretende transladar os restos mortais do esposo para a cidade de Shashemene, onde várias centenas de rastafaris vivem desde que ganharam as terras do último imperador etíope, Hailé Selassié.

No argumento de Rita, a Etiópia é o local de descanso espiritual de Bob.

Considerando a leitura do texto:

Retire elementos para interpretação dos sentidos envolvidos nas duas canções a seguir:

Brilho de Maráfrica

Escrete (MA, poeta e compositor)[1]

O reggae é um som jamaicano
Balança o Equador Latino-americano
Jimmy Cliff, Bob Marley
Negritude encantou
No som da Jamaica, São Luís gegê-nagô (...)

Bloco Afro Akomabu, criado em março de 1984.

Akomabu, na língua *fon* falada na República do Benin, significa *a cultura não deve morrer*.

Rasta Voice

Edson Catende

Ele se elevou da fumaça de
Suas narinas e o mundo criou (...)
Pra ser rastafari
Tem que ser muito legal
Não bastam cabelos berlotas
Tem que ser muito real
Amar as pessoas como Jah amou
Andar pelo mundo sem alimentar rancor (...)
Rastafari é uma atitude, um jeito de amar a vida
Black man, Jamaica eh, Rasta Voice, Liberdade eh

Mouros negros

As relações sociais entre os mundos africano e árabe são milenares. Sob o aspecto religioso, a expansão islâmica iniciada pelo norte, levando a palavra de Maomé, pretendeu atingir o mais extremo do Bilad-es-Sudan, o país dos negros. As Jihads, guerras santas, conquistavam cidades e, ao longo do tempo, as crenças sofriam adaptações africanas. A conversão ao islamismo muitas vezes foi trocada por proteção.

Dicas culturais:

Mussá, governante do império Mandinga, entre 1312 e 1337, realizava legendárias peregrinações a Meca propagando o poderio e o sucesso comercial e intelectual de seus domínios.

Para o Brasil também vieram africanos islamizados. Os mais conhecidos são os que viveram escravizados na Bahia, os malês, que se insurgiram contra a escravização através de uma ação coordenada no ano de 1835. Existem também registros de africanos marcados pelos preceitos do islamismo em Pernambuco, Alagoas e Rio de Janeiro. Letrados pela prática de leitura do Alcorão, eles se distinguiam pela altivez e insubmissão, inclusive no aspecto religioso.

O sistema econômico de escravizar gente fez surgir especialistas na compra e também na venda da vida humana transfor-

mada em mercadorias. As expansões políticas por entre os territórios africanos resultavam em aprisionamentos de guerra que desde o século XVI adquiriram novas dimensões sociais.

As instabilidades causadas pelas guerras fomentaram a especialização do tráfico, que se apoiou, muitas vezes, em ideários de conquistas religiosas.

Santos católicos negros

Desde que os portugueses passaram a transitar pelas costa africana, a presença de habitantes negros na sociedade portuguesa se tornou freqüente. Em Lisboa, a primeira irmandade de africanos foi instalada no ano de 1460, no Mosteiro de São Domingos: a irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em cujo compromisso se inspiraram as demais. Ali os africanos escravizados recebiam o batismo e passavam a ser instruídos no cristianismo.

No Brasil o batismo também foi uma prática das freguesias durante a colonização. Delas decorreram as inúmeras "irmandades dos pretos", que adotavam santos como Santo Elesbão e Santa Efigênia, ditos originários do reino etíope, São Benedito, Santo Antônio, São Martinho, e outros. A estrutura dessas irmandades incluía títulos de nobreza, eleição de reis e rainhas, cargos executivos e agremiações festivas chamadas reinados. Da sede dessas congregações saíam as Folias, que tomavam as ruas com o mesmo fervor devotado aos oragos das igrejas.

Os Maracatus e as Congadas são folguedos expressivos da identidade negra dessas confrarias, resguardando um imaginário sobre a África que é relacionado à realeza, cortejo, presença da corte, da música, da dança, etc. As irmandades de Nossa Senhora dos Remédios, de Nossa Senhora do Carmo, do Senhor Bom Jesus, da Redenção dos Homens Pretos, da Boa Morte e dos Martírios reuniam africanos refazendo identidades.

A possibilidade de conquista da alforria parece ter sido, no entanto, um forte motivo para esse tipo de associação entre os "pretos", uma esfera daquele cotidiano. Como confrarias estabelecidas,

eram capazes de oferecer alternativas para o escape legal dentro do sistema de escravidão. Formas de financiamento de alforrias possibilitavam a compra da liberdade aos filiados da congregação.

Sob esse ponto de vista, pode-se conhecer um aspecto da religiosidade católica da população negra ainda escravizada e de seus descendentes no Brasil. As confrarias, aparentemente, seguem regras de hierarquia e distinção próprias do mundo europeu do Antigo Regime, mas, na verdade, recriam formas para expandir convívios sociais, seja pela prática religiosa e festiva, seja pela administração econômica e política.

Considerando a leitura do texto:

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo foi constituída em 2 de janeiro de 1711. Será que existiu alguma igreja só para escravos em sua cidade?

As irmandades do Rosário existem até hoje, espalhadas por todo o Brasil. Vale a pena conhecer a história de cada uma delas. O culto à Maria requer a recitação do rosário como forma de meditação, mas as atividades extrapolaram os cultos religiosos. As irmandades assistiam os enfermos e auxiliavam nos enterros, ajudavam os mais necessitados e até os presos.

Tecendo afro-religiosidades no Brasil

Candomblé era o nome dado às manifestações dos cultos de origem africana na Bahia, sobretudo, a partir do século XIX. As cerimônias de mesmo gênero recebiam o nome de Xangô no Recife, macumba no Rio de Janeiro, Tambor-de-mina, no Maranhão e Batuque, em Porto Alegre.

Mais especificamente, os terreiros baianos desenvolviam o candomblé nagô-queto, de origem ioruba. Os ritos *jeje* remetiam à cultura *fon,* vizinha da cultura ioruba. Mas havia também o rito *angola*, que apontava para uma origem *bantu*. Todas essas divisões resultaram em um dinamismo próprio das religiões africanas re-

Os **orixás** são divindades do panteão ioruba. Essa estrutura religiosa se organiza em torno do oráculo de **Ifá**, sistema de adivinhação que contém 256 odus (contos míticos) reveladores dos segredos que revitalizam a força da natureza.

No panteão **Fon**, grupo étnico da região do Benin, as divindades são chamadas de **voduns**.

Bantu é um termo cunhado pelo lingüista alemão W. H. Bleek, em 1875, para se referir a quase 2/3 das línguas africanas do sul do continente.

São inúmeras as formas de religiosidade nessa grande extensão cultural. Porém, as divindades bantu mais conhecidas no Brasil são os **inquices**.

criadas no Brasil. Essas classificações, segundo os modelos dos ritos, não deixam de reportar à idéia de nações africanas.

Considerando a leitura do texto:

Procure o CD do cantor e compositor Caetano Veloso com a música intitulada *Milagres do Povo*. Observe na construção da letra o tema proposto. Examine as estrofes. Escolha trechos da letra e proponha uma interpretação sobre religiosidade africana no Brasil.

A letra da canção *Milagres do Povo* fala que "Oju Obá ia lá e via". Obá na língua ioruba quer dizer rei e Oju, olhos. O grupo étnico ioruba vive em uma parte da Nigéria, no Togo e no Benin. Isto porque a divisão política resolvida por um tratado europeu não corresponde à divisão cultural das etnias africanas. Entre os ioruba existem os sacerdotes de Ifá, orixá que preside a adivinhação. Esse sacerdotes possuem o dom de ver o destino das pessoas ao consultar o oráculo, o opelê de Ifá, um colar feito de caroços presos por uma corrente.

Esse olhar ioruba pode revelar um complexo conjunto de mitos que narram episódios da vida dos orixás. Neles, estão a origem, as características, as qualidades e fraquezas das divindades. Essas narrativas foram passadas através das gerações e contêm uma sabedoria singular na interpretação da origem dos tempos e da própria vida do consultante.

Orixás são forças da natureza. E cada pessoa tem uma natureza dentro de si — a força do orixá. Oxum é a divindade das águas doces, é menina quase sempre dengosa, dona da beleza e da fertilidade. Já Iemanjá é orixá dos reinos das águas salgadas, é a dona do mar e mãe dos orixás, figura feminina madura, mãe nutridora. Oiá é o feminino guerreiro, dona dos ventos simbolizada pelo raio e pelas tempestades que transformam as situações. Nanã, orixá associado à lama de onde saímos e para onde todos iremos voltar, é o feminino representado pela senhora idosa.

São tantos os orixás quanto os elementos que energizam a natureza. Mas, no Brasil, por causa da escravização de povos africanos, a memória foi selecionando os cultos prioritários. Restaram apenas por volta de 15 orixás bem lembrados. Entre eles, Xangô.

Xangô representa o poder do panteão. Ele é rei (Obá), dono da justiça. Por isso, é associado ao trovão. O trovão é assustador quando mostra sua autoridade. Todos o temem. Seu símbolo é o machado de duas pontas, que representa o equilíbrio. Dois lados aludem à idéia de ponderação para o julgamento. Quase sempre anda com os Ibeji, divindades poderosas, gêmeas, que representam a fartura, pois carregam o poder da multiplicação.

Para os orixás, se reza cantando. As danças recontam mitologias, as cores utilizadas nos ritos reverenciam ao mesmo tempo em que integram as forças dos orixás. Do mesmo modo, cada orixá tem uma comida que o representa. Diz-se que é sua preferida, por isso lhe é oferecida cerimonialmente. O alimento contém a natureza da divindade, assim como o banho que reúne o conhecimento das folhas. Os ritos são modos através dos quais se saúda e se recebe a força do orixá.

Considerando a leitura do texto:

Organize uma pesquisa sobre o conhecimento das plantas, a estética, os significados contidos na culinária, o acervo das cantigas, o som dos tambores, a técnica das danças, enfim, tudo o que lhe for possível conhecer sobre a liturgia do candomblé.

Faz parte da cultura maranhense a Casa das Minas, de matrizes religiosas relacionadas à cultura *fon* africana, cujas divindades são chamadas de *voduns*. A tradição matriarcal foi iniciada por Mãe Andresa, que coordenou a Casa entre 1914 e 1954. Vizinha a esta, há a Casa de Nagô, tendo como sacerdotisa dirigente Mãe Dudu, que a coordenou entre 1967 e 1988. Dentre outros templos que pontuam uma importante memória sobre a religiosidade afro-brasileira, está a Casa de Fanti-achanti, também no Maranhão, fundada pelo sacerdote conhecido como Pai Euclides, em 1958.

As rememorações em torno dessas religiões necessitam ser ampliadas a partir das inúmeras histórias regionais que possam revelar uma personalidade, uma estratégia de sobrevivência da casa, um rito peculiar, a força de uma tradição. Encontramos, por exemplo, poucas referências sobre os batuques do sul do Brasil. Todavia, existe uma memória mais referida na cultura nacional a respeito das origens africanas dos candomblés na Bahia.

Dicas culturais:

A Casa Branca do Engenho Velho, em Salvador, foi fundada por três iorubanas, no início do século XIX, originárias da região de Ketu que haviam sido escravizadas e trazidas ao Brasil. Seus nomes eram Iya Adetá, Iya Akalá e Iya Nassô, auxiliadas por dois homens chamados Babá Assipá e Bamboxê Obiticô. Afora o último, cujo nome de batismo é conhecido (Rodolfo Martins de Andrade) todos os demais são conhecidos apenas pelos seus título. Iyá Nassô, segundo Vivaldo da Costa Lima, não era um nome próprio iorubá, mas um título altamente honorífico restrito à corte de Alafin Oyó, isto é, do rei de todos os iorubas. Este título estaria ligado a uma função religiosa específica e de alto significado nessa cultura. Preservando o culto aos orixás, as cantigas, comidas, rezas e preceitos, as três iorubanas asseguraram a continuidade desse conhecimento religioso. Sobre essa presença feminina podemos dizer ainda que pertenciam à Irmandade de Bom Jesus dos Martírios da Igreja da Barroquinha, no centro histórico de Salvador, nos fundos da qual a Casa Branca foi fundada. Da Casa Branca saíram os fundadores do terreiro do Gantois e do Axé Opó Afonjá, localizado em São Gonçalo do Retiro.

A umbanda é uma das religiões denominadas afro-brasileiras pertencentes ao universo das religiosidades bantu, que são inúmeras e pouco conhecidas no Brasil. Como culto organizado, surgiu na década de 1920. Sua base doutrinária emancipou-se de práticas influenciadas pela religião espírita kardecista. A presença de espíritos africanos desprezados no culto kardecista, parece ter provocado a derivação.

Babassuê, Cabula, Pajelança, Catimbó, Xambá, Toré, são outras denominações regionais de manifestações da religiosidade afro-brasileira, cada qual com características próprias.

Um ponto de consideração é a vitalidade dessas manifestações de religiosidades para serem conhecidas. Outro, é a difusão dessas manifestações na sociedade. Em âmbito nacional, alguns dos núcleos que propiciam a identidade de um grupo religioso

são mais bem conhecidos do que outros. As expressões regionais são infinitamente maiores do que a produção de conhecimento detectada pela pesquisa nas universidades, pelas histórias nos filmes, na literatura, nas músicas, pode acompanhar e difundir.

As tentativas de estabelecer correspondências entre origens de um panteão religioso existente no Brasil e em África também é bastante complexo. Há dinamismos, tanto lá quanto aqui, pouco conhecidos. Mas, apesar dos infinitos arranjos tecidos na sociedade brasileira, eles resguardam uma identidade africana. O quadro a seguir traz algumas das referências mais consolidadas nessa correspondência. Ele não esgota, mas procura ajudar na localização inicial dessas tradições.

O encontro entre o universo religioso cristão, as inúmeras práticas religiosas indígenas, as religiosidades africanas e demais origens formadoras de campos de religiosidade, apresenta nuances construídas ao longo da história brasileira. Mais do que precisar correspondências, o importante é enfatizar que as crenças que circulam sobre essas manifestações devem estar diretamente relacionadas ao respeito da sociedade brasileira para com elas.

A população afro-brasileira e suas religiosidades

As pessoas negras podem ter as mais diversas religiões. Podem chegar ao sacerdócio como ialorixás, babalaôs, babalorixás, humbonos, humbondos (denominação jeje), mametos, tatetos, tatas (denominação congo-angola), mas também padres, rabinos, pastores, monges. Ou podem ter a identidade principal numa religião e se interessar ou ter simpatia por preceitos de outra(s). No entanto, a religiosidade caracterizada como afro-brasileira é identificada imediatamente, em nossa sociedade, com o candomblé ou com a umbanda. Vale ressaltar que, da mesma forma que o cotidiano da população negra foi atingido por uma série de sinais negativos, a vida religiosa também foi alvo de muita condenação e perseguição.

Uma das maiores dificuldades na sociedade brasileira é tratar do tema das religiões com todas as dimensões que ele merece: a histórica, a estética, a filosófica dos preceitos, a terapêutica, a lingüística, a ética. Isto se constitui uma das piores faces da intolerância que é a perseguição religiosa.

A Constituição garante a cada cidadão o direito de ter sua crença, de praticá-la ou, até mesmo. o direito de não ter crença. É preciso lembrar que houve muita luta até esse direito estar garantido. Todos ganham exercitando uma atitude de respeito às manifestações de fé, pois entre elas há um circuito cultural de afetividade, solidariedade e identidade.

Considerando a leitura do texto:

Você é praticante de alguma religião? Hoje em dia, você pode praticá-la sem ser condenado por isso?

Os homens e as mulheres que vieram escravizados para o Brasil trouxeram consigo suas religiosidades, mas, por gerações seguidas, foram entrando em contato com a religiosidade trazida da Europa, e outras influências que, já em África, aconteciam.

O culto católico, por exemplo, ofereceu repertório ao modo de vida religioso afro-brasileiro. Lembremos que toda a rica e variada ritualística africana passou por perseguições e excomungações. No caso do culto aos orixás, principalmente na Bahia, se conta que, numa sábia operação, os santos do hagiológico cristão entraram em ação. Santos e orixás, unidos, abriram caminhos para permanecer cultuados. Santa Bárbara, na leitura africana, foi reconhecida como Iansã, os gêmeos S. Cosme e Damião foram reconhecidos como os gêmeos ioruba Ibeji, Nosso Senhor do Bonfim, como Oxalá, e assim por diante.

Com a segregação, a separação de igrejas para brancos e para negros, promovida pelo sistema escravagista, as irmandades cumpriram inúmeras funções, dentre elas a de solidariedade entre os "malungos", isto é, irmãos. Havia identidades compartilhadas, apesar das origens e das línguas diversas. Era um espaço de solidariedade. Na devoção também se garantiu o culto aos mortos e até mesmo a organização para o objetivo de alforriar os escravizados.